



ORIGINAL ARTICLE/ARTIGO ORIGINAL/ ORIGINALE

Adolescence: sources of information about contraceptive methods

Adolescência: fontes de informações sobre métodos contraceptivos
Adolescencia: fuentes de información sobre métodos anticonceptivos

Nydale Lindsay Cardoso Portela¹, Layana Pachêco de Araújo Albuquerque²

ABSTRACT

Objective: Check the main sources of information about contraception among students of the public and private schools in the city of Caxias-MA. **Methodology:** This is a quantitative survey with 231 teenagers aged 16 to 19 years, with private schools 32 and 199 public by means of a structured questionnaire applied during the months of August to October 2012. The analysis was done using the Epi Info 3.5.2 (2010) software. **Results:** Among teenagers, 67.5% were female, and 32.5% were male, with an average age of 16.8 years. In relation to the presence of information, 94.8% of interviewed said to have information about contraceptive methods, being the school the main responsible in the dissemination of this information. **Conclusion:** It emphasizes the importance of knowing the sources of information from teenagers about contraception, as an alternative to intervention in reducing the incidence of early pregnancy and not desired and sexually transmitted diseases, through the implementation of sex education.

Keywords: Sex Education. Contraception. Adolescent.

RESUMO

Objetivo: Verificar as principais fontes de informações sobre contracepção entre estudantes adolescentes das escolas públicas e privadas no município de Caxias-MA. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa quantitativa realizada com 231 adolescentes na faixa etária de 16 a 19 anos, sendo 32 de escolas particulares e 199, de públicas por meio de um questionário estruturado aplicado durante os meses de agosto a outubro de 2012. A análise foi feita com a utilização do software Epi Info 3.5.2 (2010). **Resultados:** Dentre os adolescentes, 67,5% eram do sexo feminino e 32,5% do masculino, com média de idade de 16,8 anos. Em relação à presença de informação, 94,8% dos entrevistados referiram ter informação sobre métodos contraceptivos, sendo a escola a principal responsável na divulgação dessas informações. **Conclusão:** Ressalta-se a importância de se conhecer as fontes de informações dos adolescentes sobre contracepção, como uma alternativa de intervenção na redução dos índices de gravidez precoce e não desejada e doenças sexualmente transmissíveis, através da implementação de educação sexual.

Descritores: Educação Sexual. Anticoncepção. Adolescente.

RESUMEN

Objetivo: Comprobar las principales fuentes de información acerca de la anticoncepción entre los estudiantes adolescentes de las escuelas públicas y privadas en la ciudad de Caxias-MA. **Metodología:** Se trata de un estudio cuantitativo realizado con 231 adolescentes de 16 a 19 años, con 32 de escuelas privadas y 199 de públicas por medio de un cuestionario estructurado aplicado durante los meses de agosto a octubre de 2012. El análisis se realizó con Epi Info 3.5.2 (2010). **Resultados:** Entre los adolescentes, 67,5% eran mujeres y 32,5% eran hombres, con una edad promedio de 16,8 años. En lo referente a la presencia de la información, 94,8% de los encuestados reportados haber tenido información sobre métodos anticonceptivos, siendo la escuela de los principales responsables en la difusión de esta información. **Conclusión:** Hizo hincapié en la importancia de conocer las fuentes de información a los adolescentes acerca de la anticoncepción, como alternativa a la intervención en la reducción de la incidencia de embarazo precoz y no deseados y enfermedades de transmisión sexual, mediante la implementación de educación sexual.

Palabras clave: Educación Sexual. Anticoncepción. Adolescente.

¹ Enfermeira, Pós-graduanda em Saúde Pública e Saúde da Família, Pós-Graduanda em Enfermagem do Trabalho. Centro de Estudos Superiores de Caxias/Universidade Estadual do Maranhão (CESC/UEMA). Caxias-MA, Brasil. E-mail: nytalelindsay@hotmail.com

² Enfermeira, Mestra em Bioengenharia pela Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP). Centro de Estudos Superiores de Caxias/Universidade Estadual do Maranhão (CESC/UEMA). Caxias-MA, Brasil. E-mail: layana.pacheco@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma das fases mais importantes do ciclo vital, sendo considerada a transição entre a infância e a idade adulta, marcada por uma variedade de mudanças biológicas, físicas e socioculturais, o que leva o indivíduo a ter uma afirmação social, familiar e sexual.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência é o período compreendido entre 10 e 19 anos de idade⁽¹⁾. Esses limites parecem abranger a maioria das transformações que caracterizam esta fase do indivíduo, como aceleração e desaceleração do crescimento físico, mudanças da composição corporal, eclosão hormonal, envolvendo hormônios sexuais e evolução da maturação sexual, desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários masculinos e femininos, busca da identidade, tendência grupal, vivência singular e evolução da sexualidade⁽²⁾.

Essas mudanças acompanham a descoberta e o início da vida sexual dos adolescentes. Quando os jovens não são orientados sobre as transformações do organismo em cada fase do desenvolvimento humano e a sexualidade não é vista de forma individual, seja pelos pais, professores ou profissionais de saúde, estarão expostos à gravidez precoce e às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

A taxa de prevalência da infecção pelo vírus da imunodeficiência adquirida (HIV) na população entre 17 a 20 anos apresenta tendência de aumento. O levantamento feito entre os jovens indica que, de 2002 para 2007, a prevalência do HIV nessa população passou de 0,09% para 0,12%. Com relação à taxa de incidência de síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids) entre jovens de 15 a 24 anos, observou-se uma taxa de 9,5/100.000 habitantes para 2010. Desde o início da epidemia, essa taxa vem aumentando progressivamente⁽³⁾.

Quanto à gravidez precoce, as informações são preocupantes. Dados do Ministério da Saúde mostram que 444.056 adolescentes de 10 a 19 anos foram submetidas a procedimentos de partos em 2009. Mesmo apresentando uma queda de 8,9% com relação a 2008, tais números ainda estão altos, o que representa um grande impacto à saúde pública⁽⁴⁾.

Tendo em vista essa realidade, mesmo com os programas do Ministério da Saúde relacionado à educação sexual dos jovens, como o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), criado em 2003 com o intuito de reduzir a vulnerabilidade de adolescentes

às DSTs, à infecção pelo HIV e à gravidez não planejada através da integração dos sistemas de ensino e saúde, ainda há muito a ser feito, pois o número de adolescentes grávidas e casos de DSTs/Aids nesta faixa etária continuam crescendo⁽⁵⁾.

Assim, há a necessidade de um cuidado mais amplo, principalmente no tocante as informações que são repassadas aos adolescentes acerca dessa etapa e suas peculiaridades, de forma que possam estar aptos a desenvolverem novos hábitos, valores e comportamento para enfrentarem os problemas nesta fase e nas fases seguintes.

Dado o exposto, o objetivo deste trabalho foi verificar as principais fontes de informações sobre contracepção entre estudantes adolescentes das escolas públicas e privadas no município de Caxias-MA.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa e caráter descritivo, realizado em quatro escolas de Ensino Médio da zona urbana de Caxias-MA, no período de agosto a outubro de 2012. Participaram da pesquisa duas escolas públicas e duas privadas, escolhidas de forma aleatória por meio de sorteio.

Os critérios de inclusão para a participação do estudante adolescente na pesquisa foram: estar cursando o 1º, 2º ou 3º ano do Ensino Médio e aceitar a participar do estudo voluntariamente, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pelo responsável, no caso de adolescentes menores de idade, ou pelo próprio adolescente, para aqueles com 18 anos ou mais. Foram excluídos da pesquisa o adolescente pai e a mulher grávida e/ou mãe.

Considerando os critérios de inclusão e exclusão, obteve-se uma população de 35 adolescentes do Ensino Médio nas escolas particulares e 396 adolescentes nas escolas públicas e utilizando-se uma margem de erro tolerável de 5% e nível de confiança de 95% para realização do cálculo amostral⁽⁶⁾, obteve-se uma amostra de 32 estudantes adolescentes nas escolas particulares e 199 nas instituições públicas. A população do estudo foi constituída por adolescentes na faixa etária de 16 a 19 anos.

A pesquisa foi enviada ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ensino Superiores de Caxias/Universidade Estadual do Maranhão

(CESC/UEMA) e aprovada sob o número de protocolo 07898512.2.0000.5554.

Os dados foram coletados a partir de um questionário estruturado, autopreenchível e anônimo, dividido em duas partes, constando um total de 12 questões. Na parte I foram coletados dados acerca das características sociodemográficas dos participantes do estudo, como idade, sexo, cor, religião, estado civil e renda familiar. A parte II aborda as principais fontes de informações sobre os métodos contraceptivos. O questionário foi aplicado a todos os adolescentes que atenderam os critérios de inclusão e estavam presentes na escola, sendo autoaplicados em suas respectivas salas de aula.

Os dados foram computados no software Epi Info (version 3.5.2; 2010), um programa de domínio público desenvolvido para uso em epidemiologia. Depois de computados, os dados foram codificados, processados e analisados através de procedimentos estatísticos de modo ordenado e coerente, sendo organizados em formas de tabelas para discussão.

RESULTADOS

A amostra deste estudo foi constituída de 231 adolescentes de escolas do Ensino Médio públicas e privadas, sendo 156 mulheres (67,5%) e 75 homens (32,5%), havendo predomínio do sexo feminino tanto nas escolas particulares quanto nas públicas. A faixa etária dos adolescentes variou de 16 a 19 anos, com uma média de 17,0 anos nas escolas particulares e 16,7 anos, nas públicas.

Quanto ao estado civil, os adolescentes são, em sua maioria, solteiros, totalizando 220 indivíduos, sendo 30 (93,8%) adolescentes das escolas particulares e 190 (95,5%) das públicas.

Em relação à renda familiar mensal, foi predominante, nas escolas privadas, renda mensal de 3 a 5 salários mínimos (43,8%) e, renda de 1 a 3 salários-mínimos (28,1%). Nas instituições públicas, 40,7% dos adolescentes mencionaram ter uma renda familiar de 1 a 3 salários-mínimos; 38,2% até um salário mínimo e 7,0% referiu não possuir renda.

Quando verificada a presença de informação sobre métodos contraceptivos, constatou-se que a maior parte dos adolescentes, o equivalente a 94,8%, referiu já ter recebido alguma informação sobre o tema, de acordo com a tabela 1.

Tais informações foram recebidas pelos estudantes das escolas particulares, principalmente, na escola (59,4%); nos meios de comunicação em massa - televisão, rádio, jornais e revistas (43,8%); com os amigos (40,6%); com a mãe e na internet (34,4%). Nas escolas públicas, a principal fonte de informações dos adolescentes, também, é a escola (72,9%), seguida da televisão, rádio, jornais e revistas (47,2%), da mãe (34,2%), da internet (32,2%) e dos amigos (30,2%), como pode ser constatado na tabela 2.

Verifica-se, também, na tabela 2, que o posto de saúde está entre as fontes menos mencionadas pelos estudantes adolescentes tanto nas escolas particulares (9,4%) quanto nas instituições públicas (16,6%).

Tabela 1 - Número e percentual dos adolescentes, segundo presença de informação sobre métodos contraceptivos e o tipo de escola, Caxias, Maranhão, 2012.

Presença de informação sobre métodos contraceptivos	Tipo de escola					
	Particular		Pública		Total	
	N	%	N	%	N	%
Sim	29	90,6	190	95,5	219	94,8
Não	03	9,4	09	4,5	12	5,2
Total	32	100,0	199	100,0	231	100,0

Tabela 2 - Número e distribuição percentual dos adolescentes, segundo as fontes de informações sobre métodos contraceptivos e o tipo de escola, Caxias, Maranhão, 2012.

Fonte de informações ⁽¹⁾	Tipo de escola				Total	
	Particular		Pública			
	N	%	N	%	N	%
Com o pai	05	15,6	28	14,1	33	14,3
Com a mãe	11	34,4	68	34,2	79	34,2
Com irmão(s)/irmã(s)	02	6,3	18	9,0	20	8,7
Com outros parentes	05	15,6	23	11,6	28	12,1
Com amigos	13	40,6	60	30,2	73	31,6
Na escola	19	59,4	145	72,9	164	71,0
No posto de saúde	03	9,4	33	16,6	36	15,6
Televisão, rádio, jornais e revistas	14	43,8	94	47,2	108	46,8
Internet	11	34,4	64	32,2	75	32,5
Outra forma ⁽²⁾	00	0,0	16	8,0	16	6,9
Não sei/Não lembro	01	3,1	02	1,0	03	1,3

Nota:

⁽¹⁾ Questão de múltipla escolha

⁽²⁾ Outras formas incluem: Palestras e livros.

Tabela 3 - Número e percentual de adolescentes, segundo a presença de educação sexual na escola e o tipo de escola, Caxias, Maranhão, 2012.

Presença de educação sexual na escola	Tipo de escola				Total	
	Particular		Pública			
	N	%	N	%	N	%
Sim	25	78,1	179	89,9	204	88,3
Não	07	21,9	20	10,1	27	11,7
Total	32	100,0	199	100,0	231	100,0

Tabela 4 - Número e distribuição percentual dos adolescentes, segundo as formas de educação sexual na escola e o tipo de escola, Caxias, Maranhão, 2012.

Formas de educação sexual na escola ⁽¹⁾	Tipo de escola				Total	
	Particular		Pública			
	N	%	N	%	N	%
Durante as aulas ⁽²⁾	18	56,3	95	47,7	113	48,9
Individualmente com o professor	02	6,3	06	3,0	08	3,5
Conversando com amigos da escola	06	18,8	30	15,1	36	15,6
Por meio de palestra ⁽³⁾	10	31,3	108	54,3	118	51,1
Não sei/Não lembro	00	0,0	05	2,5	05	2,2

Nota:

⁽¹⁾ Questão de múltipla escolha

⁽²⁾ As disciplinas incluem: Ciências/Biologia, Sociologia, Filosofia e Ética e Cidadania.

⁽³⁾ As palestras foram realizadas, principalmente, por: Acadêmicos de Enfermagem.

Tabela 5 - Número e percentual de adolescentes, segundo informações recebidas na sala de aula por tema abordado e tipo de escola, Caxias, Maranhão, 2012.

Informações recebidas na sala de aula por tema abordado ⁽¹⁾	Tipo de escola				Total	
	Particular		Pública			
	N	%	N	%	N	%
Anatomia do aparelho reprodutor masculino/feminino	12	37,5	81	40,7	93	40,3
Mudanças corporais na adolescência	23	71,9	137	68,8	160	69,3
Puberdade	16	50,0	113	56,8	129	55,8
Sexualidade na adolescência	18	56,3	140	70,4	158	68,4
Métodos anticoncepcionais	16	50,0	125	62,8	141	61,0
Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência	03	9,4	37	18,6	40	17,3
Dsts e HIV/Aids	22	68,8	166	83,4	188	81,4
Gravidez na adolescência	23	71,9	142	71,4	165	71,4
Nenhum tema	01	3,1	01	0,5	02	0,9
Não sei/Não lembro	01	3,1	05	2,5	06	2,6

Nota: ⁽¹⁾ Questão de múltipla escolha

Quanto à presença de educação sexual na escola, constata-se que 78,1% dos adolescentes de escolas particulares e 89,9% das escolas públicas referiram receber informações sobre métodos contraceptivos na escola, conforme tabela 3.

Essas informações foram repassadas, principalmente, durante as aulas (56,3%) e por meio de palestras (31,3%) nas escolas privadas. Nas escolas públicas, as formas de transmissão são as mesmas, no entanto, em primeiro lugar, as informações foram recebidas por meio de palestras (54,3%) e, em

segundo, durante as aulas (47,7%). Nota-se, ainda, que apesar de relatarem terem recebido informações na escola, 2,5% dos alunos de escola pública referiram não saber/não lembrar como houve essa transmissão, de acordo com a tabela 4.

A respeito dos conteúdos lecionados durante as aulas, constata-se, na tabela 5, que os assuntos mais mencionados pelos estudantes das escolas privadas

foram: mudanças corporais na adolescência e gravidez na adolescência (71,9%), DSTs e HIV/Aids (68,8%) e sexualidade na adolescência (56,3%). Nas escolas públicas, nota-se que os assuntos abordados são os mesmos, no entanto, o mais referido foi DSTs e HIV/Aids (83,4%), gravidez na adolescência (71,4%), sexualidade na adolescência (70,4%) e mudanças corporais na adolescência (68,8%).

DISCUSSÃO

Os resultados observados na tabela 2 equivalem aos encontrados em um estudo realizado com 363 adolescentes de Cruzeiro do Sul-AC, onde verificou-se que, as principais fontes de informações são a escola (91,5%), em segundo lugar, os meios de comunicação de massa (62,3%), em terceiro lugar, as mães (33,6%) e, em quarto lugar, os amigos (25,6%)⁽⁷⁾.

No entanto, alguns estudos, como o realizado na Unidade Básica de Saúde do Mutirão, na cidade de Caxias-MA, mostram que as principais fontes de informações sobre contracepção são os amigos. Das 47 adolescentes entrevistadas, 43% receberam informação de amigos, 30% na escola, 6% da família e 21% receberam informações de outra maneira ou nunca obtiveram informações⁽⁸⁾. Essas adolescentes podem ter recebidos principalmente informações de amigos por se sentirem mais a vontade de conversar sobre a sua vida sexual com eles.

Todavia, esses resultados diferem de outros trabalhos. O estudo realizado em São Paulo, com 75 adolescentes de escola pública, encontrou, como principal orientador acerca do assunto, os pais, seguido dos amigos e da escola⁽⁹⁾. Essa divergência de resultados pode ser decorrente das diferenças entre as populações estudadas, como, por exemplo, nível de escolaridade, condições socioeconômica e cultural.

Além da família, dos amigos, dos meios de comunicação de massa e professores, os profissionais de saúde também devem orientar os adolescentes acerca da sexualidade no posto de saúde ou na escola, onde poderá auxiliar na capacitação dos professores sobre o assunto ou atuar diretamente com os alunos, realizando, por exemplo, palestras e grupos de discussão⁽⁹⁾.

Apesar da importância dos profissionais de saúde, entre eles, o enfermeiro, em influenciarem na orientação dos adolescentes, neste estudo, o posto

de saúde está entre as fontes menos mencionadas pelos entrevistados.

Na tabela 3, observa-se que apesar da maioria dos entrevistados terem recebido educação sexual na escola, muitos ainda referiram que não possuem informações sobre contracepção. A escola exerce um papel importante na orientação sexual dos adolescentes, pois o professor, na qualidade de adulto significativo para o aluno, se constitui um interlocutor confiável⁽¹⁰⁾.

A escola é um local onde deve ser disseminado o conhecimento, inclusive sexual. Isso porque, a todo o momento, em noticiários, programas e na própria realidade que a escola está inserida, observa-se a presença de gravidez precoce e uso drogas que tornam os adolescentes vulneráveis às DSTs.

Na tabela 4, mesmo sendo observado que as aulas estão entre as principais formas de transmissão de informações na escola, um estudo com 28 professores de um colégio público de Goiânia-GO, constatou que 60,7% dos profissionais têm dificuldades em abordar o assunto no ambiente escolar e 92,8% relataram se sentirem despreparados tecnicamente para trabalhar educação sexual com os alunos, devido à falta de informações recentes sobre a temática, a vergonha ou o tabu e, ainda, à falta de recursos didáticos disponíveis na escola, com os quais acreditam favorecer uma melhor socialização entre os interessados⁽¹¹⁾.

Além do incômodo dos professores em transmitir esse tipo de conteúdo para seus alunos, a dificuldade na comunicação também é gerada pelas reações dos estudantes ao assistirem tais aulas, como sorrisinhos maliciosos, piadinhas, burburinho geral e perguntas. Além disso, o professor tem sua própria concepção, convicções e valores sobre a vida sexual e, os alunos com sua vida interna, também têm suas convicções, curiosidades, anseios, medos e desejos⁽¹²⁾.

A escola, também, acaba gerando essa dificuldade, pois suas regras e normas sobre as

condutas sexuais constituem em uma proposta nem sempre clara de educação sexual⁽¹²⁾.

Esse contexto pode ser confirmado pela tabela 3, onde se observa que, principalmente, nas escolas particulares, a educação sexual não é muito proporcionada para os alunos como nas instituições públicas, sendo possivelmente explicada, devido à resistência da direção e dos pais acerca do assunto por ser, até hoje, considerado um tabu. Nas escolas públicas, são feitas mais atividades voltadas a este assunto, principalmente palestras, o que explica o número menor de adolescentes sem estas informações.

Em relação às informações recebidas na sala de aula por tema abordado (tabela 5), constata-se que os resultados encontrados no estudo diferem do que é referido por 28 professores de um colégio público de Goiânia-GO, que relataram que os principais temas trabalhados com os alunos em sala de aula foram sexualidade (26,0%), seguido de gravidez (21,0%), prevenção e DSTs (18,0%) e Aids (15,0%)⁽¹¹⁾.

A educação, inclusive, a sexual, é primeiramente, competência da família, por ela ser essencial na formação da identidade de seus filhos. É importante que os pais deem as primeiras noções sobre sexualidade, explicando o certo e o errado, além de tirarem as dúvidas dos filhos acerca do assunto.

A escola vem em segundo lugar sendo fundamental no processo de formação sexual por abranger grande parte da população adolescente, além de ser o local onde o indivíduo passa a maior parte de sua vida. Além disso, os professores e a mídia influenciam no comportamento do adolescente, sendo importante, portanto, que eles atuem juntos para aumentar a conscientização dos adolescentes sobre as práticas sexuais.

CONCLUSÃO

O presente estudo, ao analisar duas amostras estudantis provenientes de redes de ensino distintas, permitiu conhecer as fontes de informações sobre métodos contraceptivos em diferentes meios socioeconômicos, observando-se, a partir daí, que mesmo com as diferenças, as fontes mais referidas pelos adolescentes foram: a escola (59,4% nas particulares e 72,9% nas públicas) e os meios de comunicação (43,8% nas instituições privadas e 47,2% nas públicas). A família e o posto de saúde, importantes dissipadores de informações, mesmo

sendo essenciais nesse processo de educação sexual foram citados em menor proporção.

A escola, por ser o ambiente onde grande parte dos adolescentes está inserida e onde passam a maior parte do tempo, é o local mais adequado para realizar a educação sexual, sendo fundamental informar e conscientizar os alunos, mas também pais e professores, pois estes são peças importantes na perpetuação do conhecimento.

Considerando a sexualidade com um papel de centralidade na vida do adolescente e os riscos ao qual seu desenvolvimento os expõe, o estudo das fontes de informações sobre métodos contraceptivos permitiu a identificação da falha na educação sexual dos adolescentes, o que possibilita, a partir daí, um planejamento, buscando a conscientização e orientação desses jovens com o intuito de evitar a gravidez não planejada e doenças sexualmente transmissíveis.

REFERENCIAS

1. World Health Organization. Adolescent Friendly Health Services - An Agenda for Change. Geneva: WHO, 2002.
2. Saito MI. Adolescência, sexualidade e educação sexual. In: *Pediatria Moderna*. São Paulo: Editorial Moreira Júnior, 2001.
3. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. Boletim Epidemiológico - AIDS e DST. Ano VIII nº 1. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2012.
4. Pighini E, Franco A. Adolescência: riscos da atividade sexual precoce. *Revista Mercado*, edição 34, [s.d]. [Internet] Available from: <http://www.revistamercado.com.br/destaques/adol-escencia-perdida/>
5. Ministério da Educação (BR). Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE). [s.d.]. [Internet] Available from: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=578&id=12370&option=com_content&view=article
6. Barbeta PA. Estatística aplicada às ciências sociais. 6. ed. Florianópolis: UFSC, 2006.
7. Rocha, MJ F. Adolescência e anticoncepção: conhecimento e o uso de métodos anticoncepcionais por estudantes da zona urbana de Cruzeiro do Sul, Acre [dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo - Faculdade de Saúde Pública, 2010.
8. Silva LF. Conhecimento e adesão de mães adolescentes acerca do planejamento familiar [monografia]. Caxias (MA): Universidade Estadual do Maranhão, 2010.
9. Madureira L, Marques IR, Jardim DP. Contracepção na adolescência: conhecimento e uso. *Cogitare Enferm* 2010; 15(1): 100-5.

10. Jardim D P, Brêtas JRS. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. Rev. Bras. Enferm 2006; 59(2):157-62.

11. Souza MM, Del-Rios NHA, Munari DB, Weirich CF. Orientação sexual: conhecimentos e necessidades de professores de um Colégio Público de Goiânia-GO. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2008;10(2):460-71. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n2/v10n2a17.htm>

12. Aquino JG. Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2013/10/14

Accepted: 2014/02/11

Publishing: 2014/04/01

Corresponding Address

Nytale Lindsay Cardoso Portela

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Rua Quininha Pires, 746 - Centro - Caxias-MA

CEP: 65.600-000

Telefone: (99) 3521-3938

Email: nytalelindsay@hotmail.com